

METAFÍSICA, EPISTEMOLOGIA E A CONDIÇÃO POLÍTICA DOS INDÍGENAS CAETÉS: A LÁGRIMA DE UM CAETÉ DE NÍSIA FLORESTA COMO POEMA REPUBLICANO REVOLUCIONÁRIO*

METAPHYSICS, EPISTEMOLOGY AND THE POLITICAL CONDITION OF THE CAETÉS INDIGENOUS PEOPLE: THE *TEAR OF A CAETÉ* FROM NÍSIA FLORESTA AS A REVOLUTIONARY REPUBLICAN POEM

Nastassja Pugliese**

Renato Matoso Brandão***

RESUMO

Este trabalho é fruto dos estudos que nos permitiram realizar a primeira tradução do poema *A lágrima de um Caeté*, de Nísia Floresta, para o inglês. Levando em conta a literatura secundária sobre o poema, quase exclusivamente oriunda da crítica literária, procuramos analisar o poema de modo a deixar explícitas questões filosóficas que são por ele mobilizadas. Assim, iremos apresentar o contexto histórico do poema e depois argumentar em defesa de dois pontos centrais: primeiro, que esse poema deve ser considerado um marco no desenvolvimento da obra de Nísia Floresta; segundo, que o poema deve ser tomado como um documento sobre a condição política dos indígenas Caetés que trata de pontos centrais da metafísica e epistemologia ameríndias. No que diz respeito à metafísica, temos no poema a presença do rio como fonte de memórias e a possibilidade de comunicação com espíritos na floresta. Já no que diz respeito à epistemologia, o poema traz um paradigma de conhecimento distinto do tradicional, uma vez que são as entidades que aparecem em um momento de visão que revelam o melhor caminho de ação, ao invés da investigação racional, sendo elas fundamentais para o processo de decisão.

PALAVRAS-CHAVE: metafísica ameríndia; epistemologia ameríndia; Nísia Floresta; Brasil oitocentista; revolução praieira.

ABSTRACT

This work results from the studies that allowed us to make the first translation of the poem *A tear of a Caeté*, by Nísia Floresta, into English. Taking into account the secondary literature on the poem, almost exclusively coming from literary criticism, we analyzed the poem so as to make explicit the philosophical questions that are mobilized in the text. In this way, we will present the historical context of the poem and then argue for two central points: first, that the poem has to be considered a turning point on the development of Nísia Floresta's works, second, that the poem has to be understood as a document on the political conditions of the Indigenous Caetés that describes central issues on amerindian metaphysics and epistemologies. With respect to metaphysics, we have in the poem the presence of a river as a source of memories and the possibility of communication with forest spirits. With respect to the epistemology, the poem brings about a non-traditional knowledge paradigm, insofar as the entities that appear in the moment of vision that reveal the best way to act, instead of rational investigation; the entities are then fundamental for the decision-making process.

KEYWORDS: amerindian metaphysics; amerindian epistemology; Nísia Floresta; nineteenth century Brazil; praieira revolution.

* Artigo recebido em 30/05/2025 e aprovado para publicação em 10/06/2025.

** Doutora em Filosofia pela University of Georgia. Professora da Faculdade de Educação da UFRJ e do PPGLM/UFRJ, coordenadora da Cátedra UNESCO para História das Mulheres na Filosofia, Ciências e Cultura. Email: nastassja.saramago@fe.ufrj.br.

*** Doutor em Filosofia Antiga pela PUC-Rio. Professor do Departamento de Filosofia da PUC-Rio e coordenador do Laboratório Religião, Cérebro, Cognição e Cultura. Email renatomatoso@puc-rio.br.

INTRODUÇÃO

O poema *A lágrima de um Caeté*, escrito por Nísia Floresta em 1849 (Floresta, 1849a), é um texto revolucionário e republicano do século XIX. Sobre as lutas brasileiras no período pós-independência e pré-república, o poema exhibe marcadores culturais indígenas e resistência política por meio de um engajamento crítico com a herança colonial. Ambientado no contexto da Revolução Praieira (1848-1851), o poema dá voz a um indígena do povo Caeté que caminha pelas matas do Recife, em Pernambuco, no nordeste do Brasil, lamentando a pátria perdida para os colonizadores, denunciando a traição de outros povos indígenas que apoiaram os portugueses e – movido pelo desejo de vingança – chorando a queda de Nunes Machado, um dos líderes liberais da Revolução Praieira.

O poema articula cosmologias indígenas, imagens cristãs e referências à história do Brasil e à cultura europeia clássica, compondo um manifesto republicano em uma linguagem que oscila entre a violência e o lamento. Em nossa interpretação, o poema documenta a condição indígena após a colonização, ao mesmo tempo que denuncia a perda da terra e da cultura, e reconhece a formação conflituosa de uma identidade coletiva no interior da ideia nascente do Brasil enquanto Pátria. *A Lágrima* não oferece informações antropológicas específicas sobre os Caetés, apenas uma imagem geral – por vezes estereotipada – desse povo. No entanto, mostra-se fundamental para compreendermos dois eixos centrais de interesse filosófico: o embate entre os direitos naturais e os direitos civis dos povos indígenas, e o modo como suas crenças metafísicas influenciam suas ações. Argumentamos também que esse poema é peça-chave para compreender a razão da saída repentina de Nísia Floresta do Brasil em 1849.

A lágrima foi publicada em 1849 no Rio de Janeiro sob o pseudônimo de Telesila e reimpressa duas vezes no mesmo ano, anunciada como poesia sobre a Revolução Praieira. Telesila é uma heroína da Grécia Antiga, originária de Argos, que inspirou Floresta. Segundo Plutarco, em *Moralia*, Telesila salvou Argos da conquista ao organizar as mulheres e armá-las, defendendo a cidade contra a invasão dos espartanos. Telesila também compôs poesia lírica, dedicando versos a Apolo e Ártemis. Adauto da Câmara identifica trechos em que Floresta menciona a poetisa grega, afirmando que, ainda jovem, ela se sentira comovida e inspirada pela história de Telesila (Da Câmara, 1941, p. 121). Um dos motivos que explicam por que Floresta teria adotado o pseudônimo

de Telesila de Argos é justamente o ideal compartilhado entre ambas: são poetas com engajamento político (na resistência à dominação estrangeira) e defensoras do heroísmo feminino.

Contudo, outro motivo importante é o fato de o pseudônimo servir como estratégia de ocultação, num período de agitação política em que o governo reprimia ativamente manifestações contra o Império ou de cunho anticolonialista. Em *A lágrima*, Floresta glorifica os liberais que se rebelam contra as autoridades legais e incita a vingança em um chamado às armas. Quando escreveu o poema, Floresta residia no Rio de Janeiro, capital do Império do Brasil, onde dirigia o Colégio Augusto, sua escola para mulheres. A escolha de Telesila lhe permitia proteger-se ao mesmo tempo que reforçava a mensagem do poema, associando-o a uma figura feminina da Antiguidade que desafiou o poder sob risco pessoal. O poema foi reimpresso em 1860, em Florença, em uma tradução para o italiano, feita por Ettore Marcucci. Na dedicatória a Augusto Américo Farias Rocha, filho de Floresta, Marcucci ([Dedicatória], 1860, p. 4) menciona “a bela reputação que dela se espalha pelas terras da Europa, graças a seus livros, não apenas escritos em sua língua natal, mas também recentemente compostos naquelas de Rousseau e Maquiavel”. A tradução contém algumas informações sobre a rotina de Floresta na Itália e sobre as pessoas que ela conheceu durante sua estadia entre 1859 e 1861. Foi oferecida como presente ao filho de Floresta, que permaneceu no Brasil enquanto ela vivia no exterior. O tradutor Ettore Marcucci aproveita a ocasião para fazer referência a seus amigos intelectuais e reforçar suas perspectivas políticas (abolicionistas e defensoras da liberdade republicana).

1 ESTUDOS SOBRE O POEMA

A bibliografia sobre o texto não é extensa, sendo dois os trabalhos mais citados em pesquisas acadêmicas: o comentário de Adauto da Câmara (1941) em *História de Nísia Floresta* e o importante ensaio de Constância Lima Duarte, *Reverendo o Indianismo brasileiro* (Duarte, 1999) (republicado em uma edição de 2021 do poema (Floresta, 2021)). Da Câmara (1941, p. 120) considera o texto “um poema sobre a Revolução Praieira, glorificando a memória de Nunes Machado”. Essa interpretação se consolida como a leitura dominante sobre o tema do poema, sendo frequentemente associada a uma ode de Floresta a seu amigo de infância, Nunes Machado, que

estudou na Faculdade de Direito de Olinda com o marido dela em 1832 e foi deputado federal ligado aos liberais.

O gesto de Nísia – publicando seus versos inflamados [...] revela claramente a natureza corajosa daquela mulher, capaz de ação política e indiferente às consequências que pudessem advir de sua posição. A razão psicológica de sua exaltação deve ser buscada nos estreitos laços de amizade que existiam entre ela e Nunes Machado (Da Câmara 1941, p. 122).

A ideia de que o poema teria sido inspirado pela morte do amigo – uma motivação legítima para sua escrita – acabou por ofuscar seu valor como manifesto político e como documento histórico que testemunha a condição das nações indígenas após a colonização. Da Câmara também afirma que Floresta integra o movimento romântico, ao lado do poeta indianista Gonçalves de Magalhães. No entanto, embora reconheça que “na ‘Confederação dos Tamoios, [poema tradicional de Magalhães], escrito muito depois de *A Lágrima de um Caeté*, há estrofes inteiras que parecem inspiradas no poema de Nísia, partilhando os mesmos motivos: a exaltação da figura indígena, a maldição contra o conquistador branco e a beleza edênica das matas brasileiras”, ele ainda assim chama Floresta de “discípula de Magalhães” (Da Câmara, 1941, p. 121), e não o contrário.

Por sua vez, Duarte (2021, p. 59) aponta que, no texto, Floresta não apenas exalta a figura indígena, mas também defende um reformismo social, construindo um poema que funde dois tempos históricos: a colonização e o Império (pós-independência). Duarte oferece uma interpretação mais convincente e profunda do poema, destacando sua originalidade em relação a outros textos do período romântico que também trazem personagens indígenas como protagonistas. No primeiro, o indígena é o protagonista e o colonizador português é o opressor; no segundo, o protagonista é o líder da Revolta Praieira (os liberais republicanos) e o opressor é o Império do Brasil, ainda sob um monarca da dinastia portuguesa. Em ambos os casos, os portugueses aparecem como antagonistas, e o drama do Caeté é assimilado ao drama dos republicanos brasileiros.

Segundo Duarte, a representação do indígena Caeté feita por Floresta é “desde o início do poema, [de alguém que] se apresenta como plenamente consciente de sua condição de vencido. À medida que percorre espaços e tempos, sua dor inicial transforma-se – primeiro em desespero, depois em desilusão com seu próprio destino” (Duarte, 2021, p. 163). Sua descrição está longe de

ser idealizada, e distante da figura do *bon sauvage*: o Caeté é “já não um indígena, e nunca um homem branco: apenas um caboclo marginalizado, sem terra, sem consciência, sem esclarecimento” (Duarte, 2021, p. 165). Nossa interpretação está alinhada com a visão de Duarte de que *A lágrima de um Caeté* é um poema que “se denuncia as condições reais de vida dos indígenas e trata da derrota liberal dos praieiros, então está, conseqüentemente, afastando-se do exotismo romântico e aproximando-se de uma concepção realista fundada na crítica social” (Duarte, 2021, p. 174).

Uma contribuição que gostaríamos de oferecer à literatura está na afirmação de que *A lágrima* é uma obra central na produção de Floresta, devendo ser considerada fundamental para compreender o desenvolvimento de seu pensamento. Consideramos o poema uma peça revolucionária do período pré-republicano brasileiro, que expôs Floresta a significativa oposição e risco político. A cronologia dos eventos que chama a atenção é a seguinte: a revolução foi interrompida em fevereiro de 1849 com uma ofensiva que resultou na morte de seus líderes, incluindo o deputado federal Nunes Machado. A repressão aos liberais começou em maio do mesmo ano. O poema foi publicado duas vezes nesse ano: uma em maio e outra em junho. Em 29 de outubro de 1849, Floresta embarca para a Europa, quatro meses após a segunda edição do poema republicano. Em novembro, ela publica uma nota na imprensa explicando sua saída abrupta do País. A hipótese que propomos aqui é que a publicação de *A lágrima de um Caeté* colocou Floresta em uma situação delicada, pois a associou aos liberais, atraindo a atenção das autoridades. Não está claro quando e como a autoria do poema foi revelada. Como o texto passou por censura e só foi impresso após a intercessão de alguém, é provável que, nesse momento, sua autoria tenha tido de ser revelada às autoridades. Também não se sabe ao certo quem ajudou na publicação do poema, nem o que ocorreu exatamente após sua divulgação. Ainda assim, a temporalidade dos acontecimentos sugere que sua repentina viagem à Europa possa estar ligada à repercussão de *A lágrima*.

A partida de Floresta foi noticiada em vários jornais. O caso mais sensível de interpretar é o do *Diário do Rio de Janeiro*, onde sua viagem aparece na seção de notícias da “Repartição da Polícia”, sob a rubrica “Pessoas despachadas” para a Itália. Embora permaneça em aberto a pergunta sobre se ela saiu do Brasil sob ordem oficial de exílio, podemos inferir pela leitura da notícia que sua partida foi repentina, sem tempo para se despedir de amigos e alunas, e que ela não

estava satisfeita com a viagem. À época, Floresta era diretora de um colégio. No *Jornal do Commercio*, sua ausência no colégio e a nomeação de uma substituta foram imediatamente justificadas. Floresta disse que teria que viajar, pois sua filha Lívia teria sofrido um acidente de cavalo, e o médico teria recomendado que fossem respirar novos ares. No entanto, em 2 de novembro, já no exterior, Nísia Floresta envia uma nota para ser publicada no *Jornal do Commercio*. Na nota, lê-se uma despedida com um desfecho enigmático:

Nísia Floresta Brasileira Augusta, oprimida pela saudade que lhe aperta o coração ao se separar pela primeira vez de sua pátria, onde tantos e tão caros afetos a prendem, não pôde despedir-se das famílias com quem era amiga. Por isso, envia-lhes um triste adeus, pedindo que o recebam como expressão do sentimento que sempre lhes devotou. E a vós, suas queridas alunas, recebei uma prova de seu afeto maternal, que ela vos envia sob o símbolo de uma lágrima (Floresta, 1849b, p. 4).

Por que Floresta diz que uma lágrima simboliza seu afeto maternal? Na nota, “lágrima” está no singular, o que sugere que ela não está se referindo a um choro de tristeza ou a lágrimas em geral, mas sim a *uma* lágrima específica. Acreditamos que, com essa formulação, ela esteja dando uma pista às suas alunas de que a razão de sua separação da pátria foi o poema *A lágrima de um Caeté*. Esses trechos de jornal – especialmente o fato de que a notícia de sua partida aparece na seção policial, logo após uma coluna sobre a situação política de Recife nos momentos finais da Revolução Praieira – fortalecem a hipótese de que Floresta não foi à Europa de forma espontânea, mas foi de algum modo compelida, em razão das ideias políticas expressas em *A lágrima*.

As interpretações existentes discutem se ela teria ido à Europa em autoexílio ou voluntariamente para tratar da saúde da filha (Pugliese, 2023, p. 5). No entanto, segundo a cronologia dos eventos, é possível afirmar que a publicação de *A lágrima* foi um ponto de inflexão, colocando-a em evidência em um momento de instabilidade política e de repressão aos rebeldes praieiros. Ainda assim, não encontramos nenhuma fonte primária que documente uma ordem oficial de exílio por parte das autoridades. Portanto, até o momento, qualquer afirmação de exílio forçado pode ser considerada uma interpretação fruto de extrapolação das evidências disponíveis. Contudo, uma coisa é certa: *A lágrima de um Caeté* é uma obra central para compreender o desenvolvimento do pensamento de Floresta, mesmo que o poema tenha sido criticado por

estudiosos brasileiros como sendo de “fraca qualidade poética e o menos elaborado de seus escritos” (Duarte, 2021, p. 156).

CONTEXTO HISTÓRICO E ESTRUTURA DO TEXTO

Segundo Duarte (2021, p. 156), “o poema, em essência, entrelaça dois dramas: o dos povos indígenas brasileiros, expropriados pelos colonizadores portugueses; e o dos liberais durante a Revolução Praieira, ocorrida em Pernambuco entre novembro de 1848 a fevereiro de 1849”. A Praieira foi a última revolta do período pré-republicano e está entre as mais sangrentas. As razões para o surgimento da revolta foram diversas, incluindo a interferência arbitrária do imperador nos assuntos comerciais e políticos da província de Pernambuco, além de disputas pelo comércio de açúcar entre os membros da oligarquia local – especialmente relacionadas ao poder da família Cavalcanti, envolvida no assassinato do pai de Floresta em 1838. Em 1º de janeiro de 1849, os liberais publicaram um *Manifesto ao Mundo* expressando seu desejo de garantir o direito ao trabalho, o direito ao voto, o fim da monarquia e outras reivindicações republicanas.

Há divergência na historiografia sobre o fim do movimento, com alguns estudiosos afirmando que ele se estendeu até 1851. A documentação mostra que, já em 1849, começou a punição dos envolvidos – o líder do movimento foi morto em uma emboscada no bairro de Soledade naquele ano, e há também relatos de que Pernambuco ainda se encontrava sob estado de sítio no final de 1849. Floresta se apressou em publicar *A lágrima*, e o poema foi impresso no calor dos acontecimentos. Os versos de abertura da obra fazem referência à censura que o texto sofreu antes da publicação. Duarte (2021) interpreta as oito marcas no poema (traços) como lacunas que indicam os versos suprimidos, e destaca a falta de continuidade e coerência apontada por essas linhas curtas e pontuadas. É importante destacar que a indentação e a disposição das estrofes fazem parte da estrutura do poema.

A indentação indica, em algumas ocasiões, a transição do discurso em terceira pessoa para a primeira pessoa. A forma poética é descrita como apresentando:

[...] grande variação de metro e forma estrófica. Utiliza principalmente decassílabos (quase sempre brancos) e redondilhas (maiores e menores, com ou sem rima). Também aparecem versos de onze sílabas métricas – um metro raro em português – mas com acento

na quinta sílaba, o que o faz soar como duas redondilhas menores. A divisão estrófica varia amplamente, com predomínio de estrofes de número par de versos. Há também passagens sem padrão estrófico regular, escritas em decassílabos (Friedlein, 2017, p. 2).

O volume de referência para o poema é o da edição de 1849 de um exemplar pertencente a Ferdinand Denis, um estudioso francês da cultura brasileira. A edição de Denis traz uma dedicatória de Nisia Floresta na primeira página (“À Monsieur Ferdinand Deniz, par l’auteur”) e uma autodescrição em terceira pessoa na última página (“Cet opuscule est l’œuvre d’une Dame Brésilienne qui a long temps séjourné à Paris et qui a donné une suit à ses lágrimas”). O arquivo do historiador francês Ferdinand Denis (1798-1890) é central para o estudo de textos do período romântico no Brasil. Denis foi um interlocutor ativo de intelectuais brasileiros da época. Havia uma cultura de presentear-lhe livros sobre o Brasil, o que torna sua coleção significativa e representativa. Todas essas obras estão preservadas na Biblioteca Sainte-Geneviève, em Paris (Barbosa, 2022). *Lágrima de um Caeté* figura em sua coleção; o volume foi digitalizado pelo projeto archive.org.

O poema trata, principalmente, de como um território, uma nação independente, deveria abarcar a história, as demandas e as características de grupos opostos. Ele revela as complexas relações entre diversos povos indígenas, entre os indígenas e as nações europeias (portuguesa, holandesa e francesa), e também aponta para o intercâmbio entre os indígenas Caetés e os quilombolas (participantes da resistência negra). O narrador Caeté lamenta não apenas a perda de sua terra natal, mas também a violência cultural que redefiniu o que é ser brasileiro sem levar em conta a experiência indígena anterior à colonização: “Onde estão, fero Luso ambicioso, / Estes bens, qu’eram nossos?”

Consideramos que *A lágrima* possui quatro partes: a lembrança, a batalha, a perda e a visão. Embora a duração das ações no poema seja breve, ao descrever o estado mental do Caeté, Floresta remete a um processo histórico mais longo, com um recorte temporal ampliado que vai do período anterior à colonização até o pós-independência. O Caeté realiza poucos movimentos: ele está próximo a um rio, recordando sua vida passada e lamentando a colonização; em seguida, decide se vingar do saque de seu povo, aproxima-se do conflito armado com disposição para lutar contra o governo monárquico e testemunha a queda do líder da revolta. Por fim, o Caeté precisa decidir o que fazer após presenciar a derrota dos rebeldes liberais: continuar lutando ou desistir. Ele então

se dirige às matas do Catucá, onde se localiza o Quilombo do Catucá, para recrutar aliados. Ao sair das matas quilombolas, tem uma visão, e os espíritos lhe dizem o que deve fazer. O poema termina com sua dor sendo curada por essa visão.

2 DIREITOS NATURAIS E CIVIS: A SITUAÇÃO POLÍTICA INDÍGENA NO BRASIL PRÉ-REPUBLICANO

A lágrima de um Caeté descreve a tensão entre o direito natural – ou seja, a soberania indígena sobre a terra antes da colonização – e o direito civil de propriedade da terra, reivindicado pelo Estado imperial sobre os territórios dos povos indígenas (Pugliese, 2023). Floresta utiliza o poema como uma forma de argumentar que os indígenas são os legítimos proprietários da terra. O poema oferece uma crítica social que expõe as contradições da ideia de nação brasileira, especialmente no que diz respeito à exclusão civil dos povos que originalmente possuíam o território. Floresta denuncia que a constituição do Estado imperial e o conceito emergente de cidadania brasileira (ou seja, ser pernambucano) não asseguram a incorporação do direito natural no direito civil. O poema enquadra a história da colonização como uma transferência injusta de terras e poder cultural, denunciando os grupos que agora compõem a nação oficial como, paradoxalmente, antibrasileiros. Aqueles que “sacrificaram Pátria, honra” e se aliaram a forças despóticas são condenados não apenas como traidores da cultura indígena, mas como inimigos do Brasil, entendido aqui como uma nação recém-formada, justa e plural. Ao recusar romantizar a figura indígena e, em vez disso, apresentá-lo como politicamente consciente e moralmente indignado, o poema questiona a legitimidade de uma identidade nacional construída sobre a espoliação e a seletividade histórica.

Embora o Brasil tenha declarado formalmente sua independência em 1822, *A lágrima de um Caeté* revela como essa ruptura política falhou em produzir uma noção inclusiva de cidadania. No poema, o narrador indígena confronta um Estado em que a liberdade, entendida como não dominação, é vivida apenas por um pequeno grupo dentro da nação. A exclusão dos povos indígenas é exemplificada na voz do Caeté quando ele pergunta: “Indígenas do Brasil, o que sois vós? / Selvagens? os seus bens já não gozais...”. Em contraste, o colonizador é retratado como um déspota, que emprega a retórica da civilização enquanto pratica a dominação: “De bárbaros nos

dando o nome, que deles / Na antiga e moderna História se tira”. O clamor final do Caeté por vingança é também uma reivindicação de agência civil – uma exigência de que a liberdade seja um valor a ser vivido pelos diversos grupos que formam o Brasil. Floresta, no entanto, encerra o poema com uma nota pessimista, concluindo que, sob a configuração política vigente e a liderança de Pedro II (e após a queda dos liberais republicanos), os Caetés não encontrarão consolo nem liberdade verdadeira na sociedade civil. Então, o espírito da Realidade diz ao Caeté que encontre a liberdade nas matas.

A crítica política expressa no poema não se limita às relações com os colonizadores; ela alude sutilmente às tensões entre os diversos povos indígenas que, ao apoiarem nações europeias rivais (francesa, portuguesa, holandesa), acabaram por combater uns aos outros (como fizeram os Tamoios, Tabajarás, Potiguaras e Caetés). Outro ponto de tensão política envolve a resistência negra, exemplificada quando o Caeté busca apoio entre os povos das matas do Catucá – do Quilombo do Catucá – e não encontra auxílio. Seu lamento – “E o vosso Chefe imortal, se abateu, / Fica sem vingança!” – pode referir-se não apenas a Nunes Machado, mas também a uma figura mártir anterior, Reis Malunginho (João Batista), cujo legado os quilombolas não teriam honrado por não vingarem seu assassinato. O poema, portanto, dramatiza uma teia complexa de desunião e desilusão política, em que a esperança do Caeté por uma solidariedade inter-racial e interétnica na construção de uma república é continuamente adiada.

VER E OUVIR ENTIDADES SAGRADAS: CULTURA METAFÍSICA E EPISTEMOLOGIA INDÍGENA

Em *A lágrima*, também encontramos marcas das metafísicas e epistemologias indígenas. Não existe uma única metafísica indígena, nem mesmo uma metafísica indígena brasileira. Cada povo possui sua própria cosmologia e crenças religiosas. No entanto, algumas características são tão recorrentes que se tornam traços ou marcadores do pensamento e das práticas indígenas. *A lágrima* apresenta um desses temas recorrentes da metafísica indígena, em que o mundo natural não é uma paisagem inerte, mas um território carregado de presença espiritual. Desde o início, o lamento do Caeté é despertado pelo rio Beberibe, um lugar de memória com importância

epistêmica. Suas águas ativam a capacidade do espírito do Caeté de lembrar o passado e refletir ativamente sobre sua condição presente, reforçando o rio como instrumento epistemológico.

Ao longo do poema, o Caeté percebe o mundo não apenas através da visão física, mas por meio de visões do mundo dos espíritos. Ele invoca os deuses – Anhangá e Tupã – e, em um momento crucial, encontra a figura desencarnada de uma mulher e as Fúrias, seres espirituais que aparecem em formas luminosas ou aterrorizantes, revelando verdades que de outro modo permaneceriam ocultas. A sensibilidade do Caeté a esses fenômenos não é metafórica – ela reflete uma ordem metafísica na qual os espíritos são capazes de se comunicar. *A lágrima* também expressa uma epistemologia alternativa, que emerge de uma cultura afro-indígena que considera o sonho e as visões (estados alternativos à vigília) como esferas de produção e aquisição de conhecimento.

Esse tema de uma realidade espiritual abrangente, que indica certo panpsiquismo dentro de uma cosmologia politeísta, não é exclusivo dos povos indígenas, mas também está presente nas culturas africanas (como nos cultos da Santeria, por exemplo). No poema, essa epistemologia interétnica se manifesta quando o Caeté entra nas matas do Catucá. Nesse ponto, o poema se ancora em uma geografia culturalmente específica: o Quilombo do Catucá, um *locus* de resistência negra que se tornou conhecido como espaço de práticas religiosas afro-indígenas. Segundo nossa leitura, esse é um trecho chave de *A lágrima de um Caeté* – amplamente negligenciado pela literatura secundária – que revela o Caeté buscando ativamente o apoio dos combatentes negros da resistência, os quilombolas, nas matas do Catucá. Esse momento, no qual o Caeté se dirige ao “povo nobre” cujos “braços há muito tempo apertou / A cadeia dos males”, deve ser lido como uma convocação aos africanos outrora escravizados que escaparam para organizar o Quilombo do Catucá, um local histórico de resistência. Lá, sob a liderança de João Batista – Reis Malunguinho –, os quilombolas cultivavam uma cultura espiritual na qual os participantes vivenciavam estados visionários, comunicando-se com espíritos e curando o sofrimento.

A jornada do Caeté até Catucá, portanto, opera em registros tanto políticos quanto metafísicos: ele busca uma aliança revolucionária e também instrumentos epistemológicos para compreender melhor sua dor. O Caeté sai da floresta sem apoio político. Com esse movimento, Floresta reforça as visões distintas que indígenas e a resistência negra tinham sobre as formas de governo, ou seja, suas esperanças (ou ausência delas) em relação a um regime monárquico ou

republicano. Floresta não romantiza a aliança intercultural entre os grupos oprimidos. Ao fim do poema, o Caeté não conquista nenhuma vitória política, mas a comunicação com as entidades espirituais transforma seu sofrimento. O discurso da mulher desencarnada, identificada no poema como Realidade, não aprofunda seu desespero, mas oferece um ponto de virada epistemológica que conduz à cura.

Nísia Floresta oferece uma perspectiva na qual os credos metafísicos e epistemológicos afro-indígenas não estão em oposição à consciência política. Essas tradições religiosas, enraizadas na floresta e frequentemente envolvendo o uso de plantas psicoativas, criam condições para estados alterados de consciência, nos quais visões e vozes ancestrais servem como guias para a verdade. Nesse quadro cultural, as visões do Caeté são formas de conhecimento revelado. Elas ajudam a transmutar sua dor em clareza, propósito e, por fim, em uma relação curada com sua própria história. As visões são um canal de comunicação com os encantados – seres espirituais que orientam, curam e instruem os vivos. No poema, em vez dos tradicionais encantados afro-indígenas, o Caeté vê a Realidade, o Despotismo e as Fúrias. Nesse sentido, Floresta entrelaça no poema uma camada epistemológica que desafia os paradigmas iluministas do conhecimento, ao mesmo tempo que utiliza suas próprias referências cristãs e europeias.

REFERÊNCIAS

BARBORA, Rafael Souza. A política do indianismo brasileiro vista a partir do Acervo de Ferdinand Denis. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 17, n. 28, p. 33-46, 2022.

DA CÂMARA, Adauto. **História de Nísia Floresta**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1941.

DA FONSECA, Antônio Borges. The Praieira Revolution Manifesto to the World. *In*: GREEN, James N.; LANGLAND, Victoria Langland; SCHWARTZ, Lilia Moritz (ed.). **Brazil Reader: History, Culture, and Politics**. Durham: Duke University Press, 2019. p. 197-198.

DUARTE, Constância Lima. Revendo o indianismo brasileiro. **Boletim do Centro de Estudos Portugueses**, Minas Gerais, v. 19, n. 25, p. 153-177, 1999.

DUARTE, Constância Lima. [Posfácio e Notas] *In*: FLORESTA, Nísia. **A lágrima de um Caeté**. 5. ed. Mossoró-RN: Sarau das Letras, 2021.

FLORESTA, Nísia. Anúncios. **Jornal do Commercio**. Anno XXIV, Rio de Janeiro, p. 4, 2-3 nov. 1849b. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=364568_03&pagfis=14639. Acesso em jun. 2025.

FLORESTA, Nísia. **A lágrima de um Caeté**. Por Tellesilla. Rio de Janeiro: Typographia de L.A. F. de Menezes, 1849a.

FLORESTA, Nísia. **A lágrima de um Caeté**. Por Tellesilla. Mossoró, Rio Grande do Norte: Sarau das Letras, 2021.

FRIEDLEIN, Roger; NUNES, Marcos Machado. A lágrima de um caeté. **Das Epos unter den Bedingungen der Romantik**. Bochum, 2017. Disponível em: https://homepage.ruhr-uni-bochum.de/roger.friedlein/epos_analysen.html. Acesso em jun. 2025.

LIMA, Stelio Torquato. **O indianismo e o problema da identidade nacional em Lágrima de um Caeté, de Nísia Floresta**. 2008. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

MARCUCCI, Ettore. [Dedicatória]. In: FLORESTA, Nísia. **La lagrime d'un Caeté**: poemetto di Floresta Augusta Brasileira. Tradotto dal Portoguese in Altrettanti versi Italiani da Ettore Marcucci. Firenze: Co' Tipi Felice le Monnier, 1860. p. 4.

PUGLIESE, Nastassja. **Nísia Floresta**. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

QUINTAS, Amaro. O sentido social da Revolução Praieira. **Ideias**. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, ano 5, n. 1, p. 9-62, 1998.